

14.Agosto.1962 - 3ª Feira

Uma das coisas mais fabulosas, é o pensamento. Todos nós andamos, rimos, conversamos e quase tudo o fazemos em função do nosso pensamento.

Mas nós não damos valor a ele.

Talvez mesmo que só lhe dêssemos valor se um dia o per - dêssemos. Na realidade, o ser humano sempre foi assim: so - mente dá valor ao que possuía, após o perder ...

Pois o nosso pensamento, é qualquer coisa de fabulosa. E é ele que nos coloca em superioridade aos outros seres, animados e inanimados.

Os seres animados, diferentes dos homens, nós os vemos ' diáriamente vagar pelas ruas ou estradas, pelos campos ou pelos ares em uma atitude, às vezes aparentemente pensa - tiva, como a vaca, mas sempre e sempre, numa atitude per - dida de quem nada sabe, nada compreende e nada pode en - tender ...

É o pensamento, a razão, que nos torna superior a esses seres ...

E dos seres inanimados, então, a distância é enorme.

Nós que já nos sentimos os donos do mundo, os maioraais' do universo, ao nos compararmos com os animais irracio - nais, sentimo-nos muito, mas muito mais superior aos se - res inanimados.

Que dizer então das coisas, dos objetos que nós transfor - mamos? ...

Às vezes, e quantas, nós tomamos de um ser vivo, tiramos -lhe a vida sem compaixão e sem um único sentimento de piedade ...

Quando tombamos uma árvore, sequer nos lembramos que es - tamos tirando uma vida ...

E quando transformamos essa árvore e dela nos servimos para o que temos necessidade, também não nos lembramos do ser brutalmente morto ...

Mas, quem pode afirmar que aquela vida que a árvore ti - nha antes de ser derrubada, não permaneça, embora sem o desenvolvimento?

E que, após estar transformada e sofrer a influência da a - tividade do homem, a vida ainda permaneça?

E se persistisse essa vida ainda, não poderia haver um mínimo de pensamento? ,...

Já é, evidentemente, atingir o campo da fantasia e dar um passeio pela nossa imaginação, supondo tais coisas.

Mas, se tudo isso fosse possível, o que não estaria pen - sando nos dias de hoje um caixote, sim, um caixote feito

de madeira, de madeira que foi de uma árvore que um dia teve vida? Pois o que não estaria pensando esse caixote, abandonado há tantos dias em plena calçada da rua Paraná, há vinte metros da entrada da Rádio?

Quantas e quantas críticas não estariam sendo lançadas a nós homens que ceifamos a vida de uma árvore, que depois de morta retalhamos qual uma necrópsia e transformamos, em um caixote para, depois de nos ter servido talvez que uma única vez, abandonamos pelo mundo, pobre e largado numa rua de uma cidade?